

TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO DA AMÉRICA LATINA: RUMO A UMA CORRENTE DA TEOLOGIA GLOBAL?

Ferdinand Breki Doren*

* Dr. em Teologia
Pastoral.

Resumo

Este ensaio procura aprofundar alguns aspectos específicos da teologia da libertação da América Latina, a partir de seu surgimento, desenvolvimento, instrumentos teóricos que englobam sua metodologia e mediações analíticas, críticas e repostas às críticas a esta teologia, para chegar a uma hipótese sobre o seu futuro. Essa teologia provavelmente impulsionou o surgimento e/ou desenvolvimento de muitas outras teologias da libertação, como feminista, mujerista, negra, indígena, e até mesmo palestina e judaica. As questões levantadas continuam nos desafiando: *Quo vadis, Theologiae Liberationae Americae Latinae?* Pode ela ser considerada uma teologia do futuro e faz parte da corrente de uma teologia global?

Palavras-Chaves: Teologia. Teologia: Global, da Libertação; América Latina.

Abstract:

The present study tends to investigate on some specific aspects of Latin American Liberation Theology, which could have been a form of theology that had inspirational force for the resurgence and/or development of many other liberation

theologies, such as, feminist theology, mujerista theology, black theology, aboriginal theology, Palestinian liberation theology, and even Jewish theology of liberation. Starting from its theoretical origin, this study is going to observe its development, theoretical instruments that include its analytical methodology and analytical mediations, critics on this theology and the replies on these, in order to arrive at a hypothesis on its future. At the end, some questions may be raised: *Quo vadis, Theologiae Liberationae Americae Latinae?* Is it still relevant and can it be considered a theology of the future?

Key Words: Theology. Liberation Theology; The Future, Theology of_; Latin American.

I. INTRODUÇÃO

Em toda parte, se comemora aniversários de alguns acontecimentos que marcam a caminhada da Igreja universal e regional latino-americana. Entre tantos, lembramo-nos de dois, que são: o quinquagésimo aniversário do Concílio Vaticano II e quadragésimo quinto da CELAM II em Medellín. Estes dois acontecimentos influenciaram significativamente o surgimento da Teologia da Libertação da América Latina (TLAL). Sobre esta corrente teológica que este ensaio quer aprofundar. Há três motivos para por em pauta através deste ensaio. Primeiro, existem vozes que declaram a morte dela. Segundo, fortalecimento da descrença da sua relevância. Terceiro motivo é desconhecimento crescente do que seja a TLAL.

1. A Teologia da Libertação e outras teologias emergentes e contemporâneas.

Além de efervescência sociopolítica latino-americana na década 60, amplamente conhecida, que está na raiz do surgimento da TLAL, queremos aqui mencionar outro aspecto que é muitas vezes deixado do lado. A TLAL não pode ser vista desconectada de quaisquer outras tendências teológicas que emergiram em outras partes do mundo, especialmente na Europa, na década de 60. Provavelmente, ela teve contatos com outras teologias daquela época,¹ como, por exemplo, as teologias das realidades do mundo (Thils), do trabalho

¹ R. VIDALES, *Methodological Issues in Liberation Theology*. In R. GIBELLINI (ed.), *Frontier of Theology in Latin America*. Maryknoll, NY: Orbis Books, 1975, p. 35.

(Chenu), da história (Daniélou e Von Balthasar), do progresso (Alfaro), da esperança (Moltmann e Alfaro) e da política (Metz, Gollwitzer, Söle, Lochman).² Alguns grandes nomes de teólogos da TLAL, como Gustavo Gutiérrez e Leonardo Boff, receberam treinamentos teológicos acadêmicos na Europa. Se não houve influência, ao menos a TLAL e outras teologias daquela época, como a teologia da revolução, a teologia da esperança, e a teologia do questionamento,³ compartilharam alguns aspectos semelhantes.

Eis alguns elementos em comum entre essas teologias e a TLAL:⁴

a) Elas surgiram como reflexões teológicas, num contexto particular, para responder a uma situação sociopolítica específica.

b) Para essas teologias, a religião não é simplesmente um caso particular, mas tem a ver com a atuação dos fiéis na sociedade.

c) TLAL, assim como a teologia política, enfatiza a dimensão política da fé. Não existe uma separação entre política e religião. Para essas teologias, é impossível tomar uma posição *apolítica*. Os temas: graça, redenção, salvação, pecado, entre outros, são introduzidos na totalidade do processo histórico.

d) Todas elas remetem a um diálogo entre Cristianismo e Marxismo. Essas teologias podem ser críticas em relação à Igreja, da mesma forma que Marx o foi a respeito da religião.

e) A relação entre teoria e prática é crucial. A teologia está relacionada com temas sociais, econômicos, culturais e de justiça política.

f) A maioria dessas teologias abre espaço para o que é chamado: *memórias perigosas* e *conteúdo subversivo* do Cristianismo.

g) Essas teologias sugerem que o universal deve ser compreendido no seu contexto particular; o abstrato, no concreto, e o escatológico, em sua historicidade.

Ao apontar algumas dessas semelhanças, queremos mostrar que a TLAL, em seu surgimento, não está isolada de outros pensamentos teológicos da época. *Dessa forma, o futuro* dessas teologias também está inter-relacionado.

² J. MIGUÉLEZ, *La Teología de la liberación y su método: Estudio en Hugo Assmann y Gustavo Gutiérrez*, Barcelona: Herder, 1976, p. 11.

³ Alguns outros detalhes sobre as diferenças e semelhanças entre estas teologias e a TLAL podem ser vistas em H. ASSMANN, *Practical Theology of Liberation*. London: Search Press Limited, 1975, p. 86-97.

⁴ J. MOLTSMANN, *God for a Secular Society: The Public relevance of Theology*. Minneapolis: Fortress Press, 1999, p. 49-51.

2. *Locus Theologicus* da teologia da libertação: Opção pelos pobres, contra a pobreza e pela libertação dos pobres.

Em se tratando da origem da TLAL, faz com que entremos no berço do seu nascimento. Leonardo Boff e Clodovis Boff iniciam seu livro *Como fazer teologia da libertação* relatando a seguinte história:

Certo dia, um dos irmãos Boff avistou um Bispo do nordeste do Brasil, região mais seca do mundo, entrando em casa com o corpo todo tremendo. Perguntaram ao bispo: *Senhor, o que aconteceu?* O Bispo, com uma voz trêmula, respondeu que ele tinha acabado de ver em frente à catedral uma das piores cenas de sua vida. Ele acabara de conhecer uma mulher com quatro filhos, um em seu colo e os outros em pé ao redor dela. Eles mal conseguiam ficar em pé, ao ponto de quase desmaiarem por causa da fome. O que estava em seu colo parecia estar morto. O Bispo perguntou à senhora: *Mulher, amamente-o!* A mulher respondeu: *Eu não consigo, Reverendo Bispo!* O Bispo insistiu algumas vezes acreditando que um pouco de leite materno animaria a criança. Devido a sua insistência, a mulher mostrou um dos peitos para a criança. Para a surpresa do Bispo, o peito era flácido, parecia estar vazio e estava sangrando. A outra criança pequena, assim que viu o peito, agarrou-o impaciente e começou a sugar o sangue. A mãe que gerou essa vida, agora tinha que alimentar esta vida, como um pelicano, com sua própria vida, ao oferecer seu próprio sangue. Diante da mulher, o bispo caiu de joelhos, pôs sua mão sobre a cabeça da criança e fez um voto a Deus: *Enquanto essa situação de miséria existir, sempre alimentarei, pelo menos, uma criança a cada dia.*⁵

⁵ L. BOFF e C. BOFF, *Como fazer teologia da libertação*, Petrópolis: Vozes, 1986, p. 11-12.

Este é o chão teológico, o *locus theologicus* da TLAL. O sofrimento do pobre é seu *Sitz im Leben*, lugar vivencial.⁶ Nas palavras de Leonardo Boff:

⁶ J. MOLTMANN, *God for a Secular Society*, op. cit. p. 48.

O seu ponto de partida, portanto, na sua observação no fator brutal clamando aos céus... da vasta maioria da população que vive e morre sob condições subumanas: desnutrição, mortalidade infantil, doença endêmica, bai-

xo salário, desemprego, e a falta de segurança, higiene, hospitais, escolas, moradia, resumindo, o fenômeno em que os bens que são necessários para o mínimo básico para a dignidade humana não estão suficientemente disponíveis⁷.

A teologia da libertação da América Latina nasceu de encontros entre a fé cristã com o pobre e com as injustiças que geraram o pobre; entre o ensinamento do evangelho e o mundo da vida real do *outro*, do pobre e do explorado, e de suas necessidades básicas.⁸ É no clamor do pobre, na escuta deste e na compreensão desse grito que se começa a TLAL.

Por meio da TLAL, a Igreja adquire um olhar específico que a permite se encontrar no tempo e no espaço específico. Nessa teologia, a Igreja encontra o enfoque hermenêutico e pode se tornar uma próxima genuína, tão próxima como aquele bispo diante ou ao lado daquela mãe e seus filhos encontrados na porta da Catedral – caindo de joelho, pondo a mão na cabeça da criança e fazendo voto, numa situação de real pobreza. E por ser próxima, a Igreja é capaz de ouvir o clamor dos pobres, comprometendo-se com eles e sua causa e atuar pela transformação do mundo e de si própria.

Conforme Juan Luis Segundo,

a teologia da América Latina, sem um título preciso começou a mostrar claramente características distintas há pelo menos dez anos antes do tão conhecido livro de Gustavo Gutiérrez, *A Theology of Liberation* (1971). Este foi como um tipo de batismo, mas com o bebê já crescido.⁹

O tema da libertação tem estado presente desde o início dos anos 60, antes mesmo da sessão de abertura do Vaticano II. Surgiu quase que simultaneamente em todo o continente.¹⁰ Clodovis Boff afirma que antes mesmo dos teólogos da teologia da libertação, já havia bispos profetas, leigos comprometidos, e comunidades de libertação. A teologia como uma reflexão sistemática teórica veio como segundo plano, após a prática da libertação.¹¹

⁷ C. L. NESSAN, *Orthopraxis or Heresy: The North American Theological Response to Latin American Liberation Theology*, Atlanta, Georgia: Scholars Press, 1989, p. 66. Aqui Nesson cita Boff, em seu artigo *Die Anliegen der Befreiungstheologie*, in *Theologische Berichte* 8-1979.

⁸ G. GUTIÉRREZ, *Liberation Praxis and Christian Faith*, in Rosino GIBELLINI (Ed.), *Frontier of Theology in Latin America*. Maryknoll, NY: Orbis Books, 1975, p. 1.

⁹ J. L. SEGUNDO, *Two Theologies of Liberation*. In Alfred T. HENNELLY (Ed.), *Liberation Theology: A Documentary History*. Maryknoll, NY: Orbis Books, 1990, p. 354.

¹⁰ D. TOMBS, *Latin American Liberation Theology*. Boston Brill Academic Publishers, Inc., 2002, p. 119-120.

¹¹ C. BOFF, *Teologia della liberazione: che cos'è realmente?* Em *Testimonianze*, 271-272 (1985), p. 49.

¹² H. ASSMANN, *Teología desde la Praxis de la Liberación*. Salamanca, España: Ediciones Sígueme, 1973, 2ª ed., p. 29.

Para Hugo Assmann, a terminologia *libertação* passou por três fases de mudanças e ajustes.¹² Primeira fase, antes de 1965, era raro encontrar qualquer uso do termo *libertação*, em qualquer documento oficial, e, se caso aparecesse, o significado semântico seria ainda muito vago devido a falta de conteúdo sócio-analítico. O termo normalmente usado era *desenvolvimento*. Este termo continuou até a missa na véspera da Conferência de Medellín. Segunda fase, a partir de 1965, o termo *Libertação* apareceu em vários documentos não oficiais. Pouco a pouco, o termo *Libertação* substituiu *Desenvolvimento*, que está mais relacionado à situação de dependência, de subdesenvolvimento. A terceira fase é o uso oficial do termo *libertação* no CELAM, em Medellín (1968). Os documentos de Medellín legitimaram este termo ao providenciar tanto o conteúdo sócio-analítico quanto teológico. Após Medellín, este termo foi usado em quase todos os documentos oficiais.

Em suma, a respeito da origem da TLAL, há três pontos importantes a serem lembrados. O primeiro é que a TLAL surgiu do encontro entre a Igreja e o pobre, uma vez que a Igreja optou preferencialmente pelo pobre e tornou-se a Igreja do pobre. Uma Igreja que compartilha o clamor do pobre e que tem habilidade de ouvir a voz de Deus através do clamor do pobre. O segundo é que a TLAL não nasceu em qualquer centro de academia ou instituição teológica, mas nas ações libertadoras do povo de Deus, dos agentes pastorais da Igreja. O terceiro é referente ao termo *libertação* que somente veio a ser oficial com os documentos de Medellín.

3. Desenvolvimento posterior: sistematização da prática da libertação.

A sistematização da prática da libertação na América Latina recebeu ânimo especial através do seu episcopado. Logo após o encerramento do Vaticano II, 1965, já existiam movimentos na América Latina para *implementar* a mensagem do Concílio no solo da América Latina. Como resultado, em 1968, três anos mais tarde, a Segunda Conferência Geral de Bispos (CELAM) ocorreu em Medellín,

Colômbia. Em Medellín, orientado pelo tema da Conferência: *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio*, o corpo episcopal regional mostrou que a Igreja não poderia ser nada mais do que ser histórica, fazer parte da história do mundo, compartilhar a alegria (e tristeza), esperança (e desesperança) das pessoas nos seus contextos históricos, e ser responsável pelos rumos da sociedade.

Neste sentido, CELAM II, em Medellín, foi realmente uma recepção (momento de boas vindas) do Concílio pela Igreja regional, com fidelidade e criatividade, com uma visão crítica e inovadora.¹³ Medellín recebeu ampla acolhida, foi um ponto de encontro entre o universal, o Concílio Vaticano II, e o local, os movimentos da base. *Globalização*, termo criado décadas mais tarde para descrever o fenômeno mundial, sintetiza a tendência de globalização, em seu sentido amplo e não meramente econômico, e a reafirmação da identidade local para que o local tenha sua autodeterminação diante do global, elemento que já estava presente na conferência de Medellín.

Com a Conferência de Medellín, a TLAL recebeu total liberdade para se expressar em todos os aspectos da sociedade (social, político, econômico, cultural e religioso) e em todos os níveis (prática e teoria). Muitos cristãos se envolveram em reflexões pastorais sócio-transformadoras e surgiram inúmeros trabalhos teológicos acadêmicos com o objetivo de melhorar as práticas de libertação e oferecer a toda Igreja um instrumento para ser mais fiel ao seguimento do mestre camponês, Jesus, o nazareno. David Tombs nota que, *durante 1970-1971, um grande número de conferências, papéis e outros trabalhos escritos nos países da América Latina levaram à frente o tema da libertação*.¹⁴

Mais tarde, em dezembro de 1971, *A Teologia da Libertação* de Gustavo Gutiérrez surgiu como um trabalho histórico que batizou a teologia recém-nascida num contexto latino-americano. Gutiérrez passou a ser então seguido por muitos outros teólogos, tais como Hugo Assmann, Leonardo e Clodovis Boff, Jon Sobrino, Juan Luis Segundo, José Comblin, etc.

¹³ J. O. BEOZZO, Medellín quarenta anos: 1968-2008. Em *Adital Online*, quarta-feira, 29 de abril de 2009. Disponível em <<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=36332>>. Acessado em 30 de julho de 2012.

¹⁴ D. TOMBS, *Latin American*, op. cit., p. 120.

II. METODOLOGIA DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO DA AMÉRICA LATINA

Quase todos os teólogos da América Latina, de uma forma ou outra, apresentam aspectos metodológicos da teologia da libertação. Apresento aqui dois formatos da metodologia que normalmente são atribuídos à TLAL. Esta parte está subdividida em duas: a primeira é uma apresentação da metodologia geral a qual chamo de *entre a ortopraxia e ortodoxia*, e a segunda, mais específica, a sistematização feita por Clodovis Boff.¹⁵

¹⁵ C. BOFF, Methodology of the Theology of Liberation. In John SOBRINO e Ignacio ELLACÚRIA, (Eds.). *Systematic Theology: Perspective from Liberation Theology*. Maryknoll, NY: Orbis Books, 1998, 2a ed., p. 1-21.

¹⁶ Idem

¹⁷ G. GUTIÉRREZ, *A Theology of Liberation: History, Politics, and Salvation*, Edicital XV Anniversary, Maryknoll, NY: Orbis Books, 2002, p. 11.

¹⁸ C. BOFF, Methodology, op. cit., p. 2.

¹⁹ G. GUTIÉRREZ, *Toward a Theology of Liberation*, in Alfred T. HENNELLY, *Liberation Theology*, op. cit., p. 63.

²⁰ J. M. SUNG, *The Human Being as Subject: Defending the Victims*, in Ivan PETRELLA, *Latin American Liberation Theology*, Maryknoll, NY: Orbis Books, 1969. p. 1-2. Veja também, ASSMANN, *Teología desde la Praxis de la Liberación*, op. cit., p. 63.

1. Entre Ortopraxia e Ortodoxia

A TLAL tem uma diferença fundamental das teologias tradicionais. Gutiérrez, em sua obra *Theology of Liberation*, desafia as aproximações da teologia tradicional que distanciaram a teologia das preocupações do dia-a-dia e dos conflitos da vida real. Assim sendo, propôs uma aproximação teológica enraizada no contexto de fé para responder aos desafios contemporâneos.¹⁶ Desde o início, os teólogos deixaram claro que a teologia *é uma reflexão crítica da práxis cristã à luz da palavra de Deus*.¹⁷

Em se tratando do ponto de partida – fé e práxis, Deus ou o pobre, Clodovis Boff faz uma distinção entre experiências pré-teológicas e esfera teológica. Na esfera de experiências pré-teológicas, o ponto de partida é a fé vivida ou a práxis da fé. Enquanto, na esfera teológica, há dois pontos distintos, sendo o primeiro, o ponto de partida formal, a própria fé, e o segundo é o material, a práxis. Entre o formal e material – fé e práxis –, não existe contradição, mas somente relações dialéticas.¹⁸

Para Gustavo Gutiérrez, a teologia da libertação assim formulada é uma reflexão, como ato segundo que vem depois da ação. *Teologia é a compreensão do compromisso, e o compromisso é ação*.¹⁹ O primeiro momento é a práxis da libertação que emergiu da indignação ética ao ver que os seres humanos estão reduzidos às condições subumanas.²⁰ A historicidade da realidade humana vivida é seriamente levada em consideração.

Isso não significa que a teologia da libertação da América Latina não se preocupa com o desenvolvimento histórico de dogmas cristãos como um critério verdadeiro na teologia. No entanto, para teólogos da libertação, o ponto de partida deveria estar conectado a fatos concretos,²¹ especialmente a realidade dos necessitados. Partindo dos pobres, assume Cristo que é o primeiro entre eles.²²

Teólogos da libertação ainda reconhecem que a ortopraxis não está totalmente a parte das considerações dos teólogos tradicionais. As teologias *tradicionais* também estão relacionadas à prática. No entanto, conforme Hugo Assmann afirma:

As estruturas fundamentais da linguagem teológica tradicional não são históricas. Suas categorias determinantes buscam estabelecer a verdade em si, sem a conexão intrínseca com a práxis. A práxis é vista como algo posterior, decorrente, como aplicação da verdade pré-existente ao real.²⁵

Enquanto, na TLAL, considera-se que a ortopraxis tem um papel central²⁴, nas teologias tradicionais, a ortodoxia mantém a sua primazia. O objetivo de dar à ortopraxis o papel central é para

balancear e até mesmo rejeitar a primazia e a exclusividade da doutrina que tem monopolizado a vida cristã, e, além disso, e, sobretudo, para modificar a ênfase, geralmente obsessiva, sobre uma ortodoxia alcançada que nada mais do que fidelidade a uma tradição obsoleta ou uma interpretação debatível.²⁵

Os pontos de partida da ortopraxis e da ortodoxia são diferentes. A ortopraxis está relacionada à verdade e à fé de um mundo histórico e concreto, aqui e agora. A teologia baseada na ortopraxis é uma reflexão crítica à práxis cristã à luz da Palavra. A ortodoxia é baseada no mundo do pensamento, idealizado e eterno.

2. Mediações Metodológicas

Metodologicamente, a TLAL é elaborada em três momentos fundamentais, chamado *mediações*, correspondendo a três aproximações pastorais que são: ver, julgar e agir. Mediações são instrumentos ou ferramentas usadas no processo de *fazer teologia*. Portanto, em si, não são nem um fim (somente um meio), nem a teologia como um todo

²¹ J. L. SEGUNDO, *Two Theologies*. In Alfred T. HENNELLY, *Liberation Theology*, op. cit., p. 357.

²² C. BOFF, *Methodology*, in SOBRINO e ELLACÚRIA, *Systematic Theology*, op. cit., p.2.

²⁵H. ASSMANN, *Teologia desde La Praxis de La Libertação*, p. 29.

²⁴ G. GUTIÉRREZ, *A Theology of Liberation*, p. 8.

²⁵ *Ibidem*.

(apenas parte de uma elaboração teológica). São essas as três mediações: a mediação sócio-analítica, a mediação hermenêutica e a mediação prática.

1.1. Mediação sócio-analítica

A mediação sócio-analítica é uma lente que ajuda a enxergar sob a perspectiva dos oprimidos. A questão aqui é por que os oprimidos são oprimidos. É uma forma de mergulhar na experiência do oprimido. Dessa forma, a impressão que se tem é a de tomar uma direção diferente na teologia, uma vez que Deus não é o foco. Porém, de acordo com Clodovis Boff, é necessário questionar o que realmente é opressão e qual é a sua causa antes de perguntar o que significa a opressão aos olhos de Deus. A mediação sócio-analítica é importante para providenciar elementos materiais em todo o processo de reflexão teológica.

Através de uma análise social, há esperança de que os teólogos venham a compreender os *porquês* e chegar às raízes das opressões. Ao perceber que há muitas faces do oprimido²⁶, Clodovis sugere que a análise deveria iniciar a partir da opressão sociopolítica, a qual é vista como uma expressão fundamental da opressão que gera o pobre. Para ele, há três explicações disponíveis para a pobreza: a empírica, a funcionalista e a dialética.

A explicação empírica enxerga a pobreza como consequências da indolência, da ignorância, ou simplesmente da maldade humana. Os pobres são tratados como *desafortunados*, que precisam de assistência.²⁷ A explicação funcionalista vê a pobreza como um retrocesso socioeconômico e a solução seria um empréstimo de capital estrangeiro aos países do terceiro mundo para estimular o progresso econômico, fazendo desaparecer a pobreza. Esta visão não atinge uma das principais raízes da pobreza na América Latina: estruturas social, econômica e política injustas. Estruturas desajustadas que são responsáveis pela lacuna entre o pequeno grupo dos que *possuem* e o da maioria dos que *não possuem* estão fora do horizonte desta explicação. A explicação dialética vê a pobreza como resultado

²⁶ Em quase todas as Conferências do Episcopado da América latina (CELAM), especialmente nas últimas quatro (Medellín, Puebla, Santo Domingo, Aparecida), os diversos rostos dos pobres e oprimidos têm sido muito bem destacados.

²⁷ C. BOFF, *Metodologia*, in SOBRINO e ELLACÚRIA, *Systematic Theology*, op. cit., p. 12.

da exploração e exclusão dos trabalhadores do sistema de produção. Uma vez que a exploração e a exclusão têm sido parte do sistema socioeconômico atual, há necessidade de encontrar uma *alternativa* para esse sistema. O sistema justo pode ser estabelecido através de uma revolução, na qual o pobre se torna o sujeito ou o agente da criação de um sistema alternativo.

A mediação sócio-analítica é complementada pela aproximação histórica do problema da pobreza. A pobreza não é algo que acontece acidentalmente, mas que foi construída ao longo da história. Esta história está relacionada ao colonialismo e imperialismo, um sistema que gera opressores e oprimidos. A dinâmica executada pelos opressores e a resistência dos oprimidos têm sido exploradas a fim de se observar o protagonismo dos oprimidos lutando pela sua liberdade. Os pobres e os oprimidos não são simplesmente co-agentes do sistema opressivo. Eles devem ser os sujeitos de sua própria libertação.

Clodovis Boff afirma que a análise marxista é uma ferramenta importante ao fazer uma análise social, onde a luta pela libertação do pobre e do oprimido é o centro. A análise marxista é bem apropriada à TLAL, uma vez que o pobre continua sendo o ponto de partida e a sua libertação é o ponto de chegada. O marxismo é apenas um meio, ou seja, uma maneira alternativa para entender a realidade da opressão e indicar um caminho possível que levará à libertação do pobre. Uma vez que o marxismo é usado como instrumento para compreender o mundo, ele nunca substituirá o Evangelho. Conforme veremos na mediação hermenêutica, o Evangelho, por outro lado, tem a última palavra que determinará o que o ser humano deveria ser e que tipo de liberdade está de acordo com o testamento de Deus. Assim sendo, vis-à-vis marxismo, a TLAL sempre manterá sua postura crítica.

A libertação almejada pela TLAL é integral, que inclui a pessoa como um todo, corpo e alma, de cada indivíduo e a pessoa junto à sua comunidade, em todos os aspectos da vida humana: social, político, econômico, cultural, religioso, etc. Além disso, um ser humano a ser libertado é concreto, não abstrato. Ele (a) tem sexo, raça, religião, etnia, etc. Ele(a)

não é somente o sujeito da libertação, mas também a ser libertado. Devem-se levar em conta todos esses elementos ao se fazer uma análise social.

1.2. Mediação hermenêutica

Uma outra questão que um teólogo da libertação tem que questionar é sobre o que Deus diz sobre a realidade presente observada? É uma questão de fé onde um teólogo lida formalmente com assuntos teológicos. Nesse ponto, a realidade vem do encontro com a palavra de Deus. A hermenêutica da libertação não é a única maneira de ler a palavra de Deus, mas é a maneira apropriada de ler a Bíblia, pois, através dessa hermenêutica, o pobre encontra o Deus da vida, que quer uma vida abundante para todas as pessoas. A hermenêutica da libertação questiona a palavra de Deus sem antecipar as respostas. É aberta para a novidade contínua e surpresa eterna da revelação.

Sem ser redutiva, a hermenêutica da libertação seleciona alguns livros da Bíblia em que a palavra de Deus sobre a libertação do pobre e do oprimido é forte e clara.²⁸ Normalmente são usados os seguintes livros: Êxodo, Profetas, Literaturas de Sabedoria, Evangelhos, Atos Apóstolos, e o Apocalipse de João. Por meio da hermenêutica da libertação, torna-se claro que Jesus e a boa nova, e, ainda, o Deus de Jesus Cristo, não foram neutros em relação à opressão sofrida pelo povo (Cf. Ex 3,7; Am 4; Lc 1,39ss; 4; 6,20-26; Mt 5; Jd 5, etc.).

Além das Escrituras, a mediação hermenêutica também se apoia nas tradições cristãs (patrística, escolástica), com atitude crítica. Junto a essas tradições, a TLAL também olha para os exemplos evangélicos vivenciados pelos santos, tais como Francisco de Assis, Meister Eckhart, Catarina de Siena, Bartolomeu de las Casas, etc. Além disso, há ainda ensinamentos sociais da Igreja (ex: Documento do Concílio do Vaticano II, encíclicas papais, etc.) que podem ser usados para melhor compreender a palavra de Deus em nosso contexto. Baseando-se nessas fontes, a TLAL produz seus próprios trabalhos teológicos.

²⁸ Não se esqueça que tal seleção já foi feita também no processo da inclusão e exclusão de certos manuscritos à lista canônica (seja protestante e católica), que hoje conhecemos como a Bíblia.

1.3. Mediação prática

Após fazer análises críticas da realidade, ouvir a palavra de Deus e procurar a sua vontade frente à realidade opressiva, o próximo passo é providenciar um meio para pôr em prática todas essas análises. Este é um estado de *chamado à ação*. Somente em ações concretas para a libertação do oprimido e do pobre, a teologia da libertação recebe sua forma completa. Ação por justiça, proezas do amor, conversão, renovação da igreja e a transformação da sociedade são os lugares onde a teologia da libertação se torna real. Os agentes pastorais, juntamente com os cristãos e o povo da boa vontade, são protagonistas-chaves das mediações práticas. Eles precisam ver as conjunturas como um todo, correlação de forças, vantagens e desvantagens, projetos e programas, estratégia e táticas, questões éticas referentes ao método e formas de ações e todo seu desempenho.

Além dessas três mediações propostas por Clodovis Boff, é necessário acrescentar *Mediação Avaliativa* e *Mediação Celebrativa*. Ambas fazem parte da prática das comunidades que vivem sua fé de acordo com a TLAL. Entre as CEBs, avaliação e comemoração têm sido altamente reconhecidas e consideradas como parte integral da práxis da libertação. A avaliação é importante para manter nossa fé no projeto de Libertação de Deus e a comemoração é para integrar todo o processo da libertação à liturgia, onde a comunhão entre Deus e ser humano (divindade e humanidade) no ato da libertação dos pobres e oprimidos é revivida. Nesta liturgia, não somente o ser humano entra em comunhão com seu Deus, mas também, vice versa, Deus vem ao encontro e entra em comunhão com o humano. Nesta comunhão, criam e se recriam seres livres do pecado e da opressão.

III. ALGUMAS CRÍTICAS E RESPOSTAS.

Após metade de um século de sua existência, a TLAL recebeu uma grande quantidade de apoio e se tornou um

estímulo para o surgimento de outras formas de teologia da libertação. A TLAL criou um grande impacto nos continentes como Ásia, África, onde estão concentrados os conhecidos países do Terceiro Mundo, e onde a maioria da população é pobre e oprimida tanto pelo antigo quanto pelo novo colonialismo. Mais do que isso, a metodologia usada pela TLAL é agora compartilhada por outras teologias da libertação, tais como a teologia feminista, teologia do negro, teologia *mujerista*, teologia indígena, etc.

No entanto, há críticas bastante negativas contra a TLAL, que vem não somente de dentro, da própria América Latina, mas também de fora, dos outros continentes. As mais fortes, entre tantas, oriundas do magistério da Igreja. Do Vaticano, de um de seus mais importantes departamentos, da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé (CDF), veio dois documentos com críticas contundentes sobre alguns aspectos da teologia da libertação. Dentre os proponentes da TLAL, também, surgiram críticas severas.²⁹

²⁹ Ao responder as críticas feitas pelos seus colegas ao seu artigo *teologia da libertação e volta ao fundamento* que foi publicado na Revista Eclesiástica Brasileira (REB), de outubro de 2007, Clodovis reconhece que as críticas feitas à Teologia da Libertação, naquele artigo, era de uma pessoa de dentro da própria Teologia da Libertação. Veja: Clodovis BOFF, *Volta ao fundamento: Réplica*. Disponível em <http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=11384&cod_canal=29>. Acesso em 2 de agosto de 2012.

1. Temas polêmicas.

Nesta parte, destaco quatro críticas principais, que muitas vezes são levantadas como pontos de discussão e debate sobre a TLAL; são eles conceito de libertação e salvação, uso da análise marxista, questão da exegese, e opção preferencial pelos pobres. Como elementos essenciais da TLAL, todos estes pontos são tratados pela *Instrução sobre Alguns Aspectos da Teologia da Libertação*, da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé. Ao final de cada crítica, apresentarei minha resposta, em diálogo com a literatura disponível. Para concluir esta parte de críticas e respostas, exporei o legado da TLAL.

1.1. Libertação e salvação cristã.

Em outubro de 1976, a Comissão Teológica Internacional, indicada pelo Vaticano e formada predominantemente por teólogos europeus, encontrou-se e produziu um documento chamado *Desenvolvimento humano e Salvação*

Cristã.⁵⁰ O documento é focado no assunto, levantado por Gutiérrez e apoiado por teólogos da libertação da AL. Para estes teólogos, não há separação alguma entre a história da salvação e da história do ser humano/mundo. O documento, de modo geral, também reconhece a inseparabilidade entre a libertação e a salvação cristã. Mesmo assim, o documento ainda acusa que em alguns movimentos teológicos (sem dizer diretamente a TLAL), essas duas histórias vem a ser interpretadas de maneira muito unilateral que o Evangelho amplia esse caráter supernatural e se torna consolidado com a história secular.⁵¹ A prática da fé é mais que uma missão para transformar a sociedade; ela engloba também a formação da consciência, mudanças de atitude e adoração a Deus.

Oito anos mais tarde, no dia 6 de agosto de 1984, a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, empossada por Joseph Cardinal Ratzinger, publicou *Instrução sobre Alguns Aspectos da Teologia da Libertação*. Ao expor o conceito de libertação, o documento afirma:

Libertação é a primeira e antes de tudo a libertação da escravidão radical do pecado.⁵² Outras formas de libertação são consequências dessa libertação.⁵³ A Instrução aponta um erro cometido por algumas tendências teológicas,⁵⁴ que foram induzidas a enfatizar, unilateralmente, a libertação da servidão terrestre e temporal.⁵⁵

Para ressaltar ainda mais o erro cometido, o documento diz que, dentro destas tendências, a relação entre libertação e salvação cristã é vista de tal maneira que a libertação do pecado é posta em segundo lugar e confunde-se, portanto, a importância desta.⁵⁶ Esta confusão, segundo o documento, trouxe certa ambiguidade nas apresentações dos problemas.⁵⁷ Esses dois documentos representam bem muitas outras críticas contra a TLAL no que se refere aos erros em não diferenciar a salvação da libertação.⁵⁸

Minha resposta: em primeiro lugar, as críticas foram feitas a partir de outros *loci theologici*, que são totalmente diferentes. Aqueles que fizeram tal crítica podem nunca ter tido contato direto com as verdadeiras formas de opressão, já que estas são características particulares do mundo de dois terços da população, e especificamente, as da Améri-

⁵⁰ A. F. McGOVERN, *Liberation Theology and Its Critics: Toward an Assessment*. Maryknoll, NY: Orbis Books, 1989, p. 50.

⁵¹ Idem, p. 51.

⁵² Outro documento da mesma Congregação do Vaticano, *Libertatis Scientia* □ sobre a liberdade cristã e a libertação (25 e 71), que foi publicado dois anos mais tarde, 22 de março de 1986, e Papa João Paulo II, na sua carta pessoal, endereçada aos bispos brasileiros, 9 de abril de 1986, no parágrafo 6, insistem na mesma reflexão.

⁵³ CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ, *Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação*. São Paulo: Paulinas. 1984, Introdução.

⁵⁴ O documento não cita os nomes destas tendências teológicas, mas, do título do documento já se percebe a qual o documento se refere.

⁵⁵ CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ, *Instrução*.

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ Veja: C. L. NISSAN, *Orthopraxis or Heresy*, p. 275-283, 399. Nestas páginas, Nissan apresenta Carl E. Braaten, Schubert M. Ogden, e alguns teólogos evangélicos

que veem o perigo que a TLAL, especialmente em reduzir a escatologia para a ética. Por tanto, ele sugere que se faça melhor clarificação do conceito da libertação, senão totalmente rejeitado.

ca Latina. Do pedestal, os críticos somente podem ensinar suas doutrinas de acordo com o *depositum fidei*, mas ficam sem sustentação vivencial aos seus ensinamentos. Para estes críticos, a libertação histórica nunca foi tão urgente tanto quanto para os teólogos da libertação.

Em segundo lugar, os teólogos da libertação da AL têm bastante clareza que há uma unidade coesa entre a história da libertação e a da salvação. Os teólogos da libertação da AL, assim como Gutiérrez, aceitam a distinção entre a libertação no discurso da TLAL e a salvação cristã, mas insistem na sua inter-relação essencial. Através da inter-relação e coesão, evite-se a possível e tão temida contradição. Ademais, a libertação sociopolítica e econômica, de acordo com os teólogos da libertação da AL, é parte integral e indispensável de toda a história da salvação.

Em terceiro lugar, não podemos ser cegos ao perigo de ser redutor, enfatizando demasiadamente um aspecto da história da salvação, como é visto pelos críticos na TLAL, o que tem acontecido em outras formas de teologia. A teologia anterior, nascida e desenvolvida a partir do contexto teológico-filosófico greco-romano, tem enfatizado demasiadamente a salvação escatológica em sua doutrina, menosprezando e até esquecendo-se da libertação *aqui e agora*, que era parte da missão de Jesus nesta terra. Este perigo de acentuar exageradamente um aspecto não é domínio exclusivo da TLAL. Ele está presente também nas outras tendências e linhas teológicas.

1.2. O uso da análise marxista.

A parte VII da *Instrução sobre Alguns Aspectos da Teologia da Libertação* é dedicada para analisar e criticar a apropriação da análise marxista. Uma das acusações mais severas, apresentadas pela Instrução, contra a TLAL é que ao utilizar a teoria marxista, seja de modo parcial e integral, a própria teologia acaba assumindo toda a ideologia.³⁹

Marc Kolden, assim citado por Nesson, levanta uma questão provocadora, perguntando se há possibilidade de uma teologia usar a análise marxista sobre uma sociedade sem compartilhar com ideias marxistas (que

³⁹ CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ, *Instrução*, op. cit., n. 6.

por sua natureza não está em sintonia com a fé crista), ou se há possibilidade de usar de maneira diferenciada a abordagem marxista sobre uma sociedade.⁴⁰ Kolden, Ruther, Schall e Hodgson contestaram o uso da análise marxista no processo da libertação, argumentando que a superação das relações sociais opressivas geradas pelo capitalismo não levaria a população para a libertação desejada, porque a raiz da alienação humana não seria eliminada.

Minha resposta: em relação ao uso da análise marxista, deve ser observado que muitos críticos falham ao entender como a análise marxista é apropriada pela TLAL. A análise marxista não é uma instância final da TLAL, que dá a última palavra dentro do processo teológico. É um instrumento, entre tantos outros, que ajuda a ver e entender a realidade da opressão. O que realmente exerce o papel de juiz que leva a um comprometimento para libertação do pobre e do oprimido é a palavra de Deus (e as tradições da Igreja). Nunca se nega que o critério final e decisivo da verdade é teológico, não marxista.⁴¹ Ao fazer suas críticas, o oponente da TLAL isola o uso da teoria marxista de outras mediações. Com isso, dá-se a impressão de que a TLAL, em sua análise, conta totalmente com a teoria marxista.

A conclusão feita pela Instrução que *se alguém tentar pegar mesmo apenas uma parte, por exemplo, a análise de uma ideologia, termina tendo que aceitar toda a ideologia*,⁴² em referência ao uso da análise marxista feita pela TLAL, parece ser exageradamente simplificada. Os teólogos da libertação, em seu esforço para fazer uma aplicação crítica e segura de seus *insights* teológicos, já indicaram a sua não aceitação ao determinismo de Marx.⁴³ O ateísmo de Marx, por exemplo, nunca assumido pelos teólogos da libertação, especialmente da América Latina.

Além do mais, devemos considerar que, o núcleo básico dos críticos vem do mundo europeu, onde já houve contatos próximos ao marxismo-socialismo real ou vem de pessoas que têm observado os países do socialismo real, como União Soviética, Cuba, China, etc.. Muitos destes críticos, talvez, já tenham trauma do socialismo praticado nestes países. É verdade que, lá, a análise marxista condu-

⁴⁰ C. L. NESSAN, *Orthopraxis or Heresy*, op. cit., p. 356.

⁴¹ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Instrução*, op. cit., n. 10.

⁴² Idem, n. 6.

⁴³ C. L. NESSAN, *Orthopraxis or Heresy*, op. cit., p. 357.

ziu toda sociedade a uma forma de organização totalitária. No entanto, não é correto julgar um instrumento analítico, de uma parte do sistema, baseado numa prática onde todo o sistema é empregado. É simplista demais identificar e igualar uma sociedade justa, idealizada pela teologia da libertação, com os países aqui mencionados, como estavam acostumados.

É bem verdade que a raiz da alienação pode não ser encontrada apenas nas relações capitalistas. No entanto, no contexto da América Latina, esta é a maior causa de alienação. Superando essas relações sociais e opressivas, certamente, ajudaria eliminar ou diminuir a situação de alienação. Assim, a análise de Marx continua a ser útil neste processo.

1.3. A questão da exegese.

A TLAL tem sido cobrada muitas vezes por erroneamente usar a Bíblia ou pela distorção da verdade bíblica, para justificar a posição já tomada, antes mesmo de deixar a própria Escritura falar.⁴⁴ A instrução de CDF, enquanto afirmava que havia textos bíblicos e fatos falando claramente sobre a libertação política,⁴⁵ critica a teologia da libertação pelo uso de novas *hermenêuticas*, na leitura das Escrituras. As novas *hermenêuticas* inerentes nas teologias da libertação embarcam os leitores ao conteúdo essencialmente *político* da Sagrada Escritura. O erro da teologia da libertação aqui criticado não está em trazer uma atenção à dimensão política dos textos bíblicos, tais como o livro do Êxodo ou o texto do Magnificat, mas em fazer desta uma dimensão do componente principal ou exclusivo.⁴⁶

Minha resposta: a TLAL é sempre consciente sobre a importância da abertura para as surpresas apresentadas pela Escritura. Além disso, precisamos ter conhecimento de que não há leitura bíblica totalmente imparcial, livre de pré-conceito. O texto bíblico, como qualquer literatura, é sempre lido e interpretado de acordo com o contexto do leitor. Como diz a sabedoria popular: *a cabeça pensa de acordo com o chão onde pisa*. Dessa forma, é quase impossível requerer que um Cristão Latino Americano se desfaça de toda sua experiência para encontrar um texto bíblico.

⁴⁴ Idem, p. 283.

⁴⁵ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Instrução*, ob. cit., nn. 3, 4, 5. Quase em todo o parágrafo IV: Fundamentos Bíblicos, afirma-se que os textos bíblicos se referem, muitas vezes, à libertação social, política e econômica, embora esta não seja toda a libertação que a Bíblia nos propõe.

⁴⁶ Idem, n. 5.

Dizendo que as teologias da libertação transformam exclusiva e principalmente a dimensão política do texto bíblico é uma forma de extrapolar a verdade. Conforme vimos na discussão sobre o conceito de libertação, para as teologias da libertação, libertação política é sempre vista num contexto mais amplo de toda história da salvação. Neste ponto, as teologias da libertação estão totalmente em sintonia com a proposta de a Instrução.⁴⁷

1.4. Opção preferencial pelos pobres.

A opção preferencial pelos pobres, fundamento da TLAL, pela primeira vez foi aprovada na Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (CELAM II) em Puebla, México, em 1979.⁴⁸ Muitas pessoas têm se envolvido nas críticas e nos debates sobre este tema. Uma das críticas mais proeminentes e recentes vêm do interior da geração fundadora da própria TLAL, Clodovis Boff. Em seu artigo: Teologia da Libertação e volta ao fundamento,⁴⁹ julga que um dos erros fatais da TLAL encontra-se no seu ponto de partida formal ou fundamento que é o pobre, e não é Jesus Cristo.⁵⁰ Para ele, a TLAL comete um grave erro ao optar pelos pobres como o primeiro princípio operacional de Teologia, substituindo Deus e Jesus Cristo. Dessa forma, ele sugere que já era tempo de a TLAL dar uma olhada minuciosa na metodologia do Documento de Aparecida do V CELAM e aprender com isso. TLAL toma o pobre como ponto de partida para vir a Deus, enquanto Aparecida começa de Cristo para encontrar o pobre.

Ainda, há perguntas referentes a isso: Como conciliar a opção preferencial pelos pobres e o grande mandamento do Evangelho de amar ao próximo? Como explicar o relacionamento entre o amor particular (pelos pobres) e o universal (ao próximo)? Discute-se muito que o amor universal implica em unidade e não em divisão que pode surgir como já surgiu devido à preferência de um grupo por outro.

Minha resposta: Clodovis Boff parece que se contradiz ao falar sobre o lugar dos pobres na TLAL. Por ser um dos fundadores proeminentes dessa teologia, ele tem sido bastante

⁴⁷ Idem, n. 3.

⁴⁸ CONFERENCIA GENERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, *Documento de Puebla*, Parte IV. Cap. I.

⁴⁹ Em seu artigo: *Teologia da Libertação e volta ao fundamento*. Pela primeira vez, este texto foi publicado na REB, número 268 (2007). Disponível em <<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=33508>>. Acesso em 8 de agosto de 2012.

⁵⁰ Ibidem. Veja principalmente no subtítulo: *a questão decisiva*.

articulado ao apresentar o pobre com *locus theologicus*. Em sua explicação sobre a mediação sócio-analítica, na obra citada anteriormente, ele também enfatizou a importância de olhar para a realidade a partir do ponto de vista dos pobres, dizendo: *Antes de perguntar o que significa opressão aos olhos de Deus, os teólogos devem perguntar o que há em si mesmo e quais são suas causas.*⁵¹

⁵¹ C. BOFF, *Methodology*, in SOBRI-NO e ELLACÚRIA, *Sistematic Theology*, op. cit., p. 11.

No entanto, para responder a suas críticas, achei as palavras de Leonardo Boff bastante apropriadas.

Não é verdade que a teologia da libertação substituiu Deus e Cristo pelo pobre. Se for erro, o Juiz supremo deve ser o primeiro a ser recriminado. Foi Cristo que quis se identificar com os pobres. O lugar do pobre é um lugar (há outros) privilegiado de encontro com o Senhor. Quem encontra o pobre, encontra infalivelmente a Cristo, na forma ainda crucificada, pedindo para ser baixado da cruz e ser ressuscitado... Dizer que o pobre não inclui necessariamente o Cristo é desdizer o que o Juiz supremo diz.⁵²

⁵² L. BOFF, Pelos pobres, contra a estreiteza do método, resposta às críticas de Clodovis BOFF. In ADITAL, 16 de junho de 2008, disponível em <http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=33512>. Acesso em 8 de agosto de 2012.

⁵³ G. GUTIÉRREZ, Transformado pela Esperança, discurso na DePaul University, Chicago, EUA, 30 de outubro de 2008.

Para a questão referente ao relacionamento entre a opção preferencial pelos pobres e a dimensão universal do grande comando do Evangelho para amar ao próximo, eu gostaria de oferecer como resposta, a explicação de Gustavo Gutiérrez: *Opção preferencial pelos pobres é comprometer-se à causa dos pobres, na sua luta contra a pobreza.*⁵³ Ao desenvolver este pensamento, ele cita Paul Ricoeur, que diz que não há nenhuma forma de ser cristão, a menos que se lute contra pobreza. Por tanto, a palavra opção preferencial não possui uma conotação exclusiva, mas inclusiva em ordem cronológica, o que vier primeiro. Neste caso, o pobre tem que ocupar o primeiro e local privilegiado.

Estas e muitas outras críticas ajudaram os teólogos da libertação a continuar fazendo suas reflexões, aprofundando seus pensamentos teológicos, aafiando seus argumentos para trabalhar com o pobre e oprimido e pela sua libertação.

2. Legado da Teologia da Libertação da América Latina.

Avaliando os quarenta anos da teologia da libertação, contando desde Medellín, Beozzo reconhece que após anos de existência, seu brilho e vitalidade têm reduzido.

No entanto, há tantas outras coisas que esta teologia tem oferecido e tem sido altamente valorizada e comemorada. Em várias formas ainda serve como fontes permanentes de inspiração e renovação, tais *como árvore plantada junto a riachos, que dá seu fruto no tempo devido, porém suas folhas nunca fenecem. Em tudo que eles fazem, eles prosperam* (Sl 1, 3).⁵⁴

A TLAL, assim como outras teologias de Libertação, tem sido contestação severa à injustiça sistêmica. Sendo assim, muitos profetas que nasceram dessa teologia foram assassinados, por agentes daquele sistema, numa tentativa de silenciar a voz dos defensores da libertação. Mártires da justiça que propuseram o ideal do Evangelho, estimulados pelas aproximações hermenêuticas de teologias da libertação, continuam vivos entre os pobres e entre aqueles que se comprometeram à opção preferencial pelo pobre. Como o mártir Jesus, seus seguidores tais como Oscar Romero, Juan Gerardi, Ezequiel Ramin, Dorothy Stang, entre outros, são ressuscitados nas pessoas que lutam por justiça. A teologia da libertação é um *seminarium*, canteiro, onde a semente do profetismo é semeada e cuidada. Deste canteiro, apresentam-se as figuras dos profetas, que sempre desafiam a força hegemônica, a qual está constantemente em metamorfose e na reinvenção dos métodos de opressão ao pobre.

No mundo, onde aparentemente a desesperança venceu a esperança, o sistema injusto e opressivo tornou-se regra da sociedade, a TLAL, como outras teologias da libertação com sua aproximação *prática-teoria-prática* ajuda pessoas a reinventar a teimosia (resistência) da esperança e a redescobrir suas regras libertadoras. As teologias de libertação consideram a situação concreta e específica do pobre como seu *locus theologicus*, são meios que possibilitam o pobre ver e encontrar Deus, a fonte de toda esperança, vida. Reconstruir esperança é a tarefa que aquelas teologias de Libertação tem feito juntamente com o pobre.

Em tempos de gritos de esperança, onde a lacuna entre o rico e o pobre se torna mais abismal do que nunca, e a *concentração da riqueza que este mundo oferece na*

⁵⁴ J. O. BEOZZO, Medellín, quarenta anos, ob. cit.

mão de cada vez menos pessoas, um tipo de teologia da libertação é algo indispensável. A Igreja de Jesus Cristo, por sua natureza, é a Igreja que oferece Esperança. Sua origem foi encontrada na boa nova da ressurreição: que a pedra havia sido retirada da tumba. Neste sentido, TLAL continua a ter uma função bem específica como uma Teologia de Esperança, e, conseqüentemente, uma teologia da vida, especialmente para aqueles que estão na margem de tão conhecida *nova ordem mundial*, a ordem ditada pelo sistema capitalista, após o colapso do socialismo na Europa.

CONCLUSÃO: QUO VADIS, THEOLOGIAE LIBERATIONAE AMERICAE LATINAE?

Desde a época em que surgiu a TLAL até os dias de hoje, tem havido mudanças significativas tanto pelo contexto sociopolítico quanto pelo religioso, seja em nível mundial ou regional/local. Petrella destaca alguns pontos específicos, relacionados a estas mudanças.⁵⁵

⁵⁵ I. PETRELLA, *The Future of Liberation Theology: Na Argument and Manifesto*. Burlington, VT: Ashgate Publishing Company, 2004, p. 2.

⁵⁶ Sobre o desafio à Teologia da Libertação por causa do colapso do socialismo real, veja R. J. SCHREITER, *The New Catholicity: Theology between the Global and the Local*. Maryknoll, NY: Orbis Books, 2004, 7ª impressão, p. 101-105.

No contexto religioso houve um fortalecimento da linha Pentecostal, tais como o Movimento da Renovação Carismática Católica, o silêncio imposto sobre os proeminentes teólogos da TLAL pelo Vaticano, e a substituição de bispos progressistas por conservadores. Ao mesmo tempo, há uma adesão aos elementos da teologia da libertação pelos documentos do magistério. Os ensinamentos oficiais do Vaticano incorporaram temas, tais como a opção preferencial pelo pobre e a libertação, que foram marcas registradas da teologia da libertação. No contexto sociopolítico, o colapso do socialismo real apresenta o questionamento sobre o legado do seu outro lado de moeda – o socialismo ideológico, que costumava providenciar um horizonte utópico,⁵⁶ pela construção de uma sociedade alternativa, fora do regime do capitalismo.

Enquanto isso, no mundo inteiro, o Estado-nação perde seu poder e autoridade para controlar o mercado e o mecanismo da economia em seus limites. No contexto antropológico, há um surgimento ou elevação da cultura como um espaço contestado politicamente e sua subseqüência é o rebaixamento da esfera política tradicional.

Todos esses elementos influenciam reflexões teológicas, especialmente as das teologias chamadas contextuais, como a TLAL. Diante destas mudanças conjunturais, as seguintes questões podem ser levantadas: será que a Teologia da Libertação da América Latina tem ainda sua relevância? Como a TLAL deveria se definir ou se redefinir? Como será seu futuro?

Sem dúvidas a TLAL, mesmo outras teologias da libertação, precisa de algumas modificações. Mudanças de conjunturas religiosas, sociopolíticas, econômicas e antropológicas – todos os aspectos relacionados à vida humana, em todos os níveis, local e global – requerem alguns ajustes teológicos dentro de TLAL, de forma que possam responder adequadamente os desafios apresentados por essas novas conjunturas.

A sugestão é que a TLAL precisa deixar-se ser desafiada pelos assuntos globais. É necessário abrir o horizonte para as buscas globais. O/as articuladores desta teologia precisam ter em mente que a questão da pobreza, por exemplo, não é relevante somente na América Latina. No mundo atual, mais de trinta milhões de pessoas morrem a cada ano de fome. Além disso, a pobreza no mundo atual está em uma interconexão com os outros problemas estruturais da sociedade mundial, tais como racismo, sexismo, naturismo, classismo, etc. A TLAL do futuro deve ter capacidade de dialogar com grupos teológicos (e não teológicos) que lidam com estes temas, em diferentes níveis possíveis. Isso faz com que a TLAL torne-se uma daquelas novas correntes teológicas. Pode falar em um contexto específico, porém inteligível universalmente, de um local geográfico, porém relevante mundialmente.

Aqui está a importância em definir o que Robert Schreiter chama de *telos*, utopia.⁵⁷ Utilizar as metáforas exodais, o Egito e a Terra Prometida, Schreiter disse: *O Êxodo do Egito não é possível sem a esperança da Terra Prometida; ao contrário, é apenas um êxodo para morrer no deserto.*⁵⁸ É necessário definir a Terra Prometida e desenhar os caminhos para se chegar lá. Isto será uma tarefa desafiadora para a TLAL.

⁵⁷ R. J. SCHREITER, *The New Catholicity*, op. cit., p. 105.

⁵⁸ *Ibidem*.

Por tanto, aqui ofereço a minha sugestão: para que a TLAL possa continuar sendo relevante e entrando na corrente da teologia global, ela precisa se abrir para o diálogo com outras teologias e definir o seu *telos*.